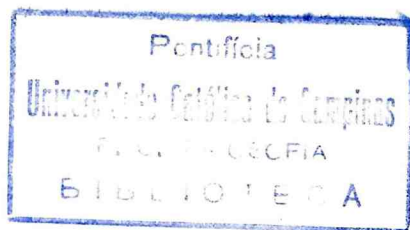


## EDITORIAL



O destino da filosofia no contexto da cultura brasileira de hoje está-se tornando uma questão candente para todos os educadores de nosso país. Dentro de todo o clima de crise que parece envolver a consciência pedagógica nacional — fruto da percepção dos compromissos e alianças espúrias da educação que deturpam seus propósitos proclamados — passou-se a sentir mais profundamente a questão do lugar e da função da filosofia. Não se trata apenas de lutar pela presença de disciplinas filosóficas nos currículos dos vários graus de ensino. Trata-se muito mais de reavaliar a contribuição do pensamento filosófico na elaboração do projeto histórico-cultural do Brasil. Neste sentido, surgem por toda parte no Brasil uma reação contra a extinção dos cursos e disciplinas da área de filosofia e a afirmação da exigência desta dimensão formadora do espírito crítico de qualquer estudante. Grupos de professores e de alunos já estão-se empenhando na discussão deste problema, lutando decisivamente pela revalorização da formação filosófica em todos os níveis. A PUC de Campinas, através do Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Teologia, como não podia deixar de ser, está participando deste esforço comum, hipotecando irrestrito apoio a esta causa. A revista **Reflexão** inicia, neste número, uma seção de Debate e a inaugura justamente discutindo esta questão relacionada com a atual situação da filosofia na realidade educacional brasileira. Apresenta a síntese de palestra proferida pela Profa. Lúcia Maria Rodrigo, do curso de Filosofia desta Universidade, em que retoma pontos discutidos nas várias reuniões que professores e alunos paulistas têm realizado ultimamente e das quais ela também participou; por outro lado, transcreve texto elaborado pelo núcleo carioca da Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas — SEAF — que aborda o mesmo tema. Tomando posição declarada a favor da “volta” da filosofia, **Reflexão** se identifica com os propósitos defendidos por estes grupos, colocando suas páginas à disposição para a continuação deste debate. A relevância a contribuição da filosofia para o amadurecimento da personalidade cultural do Brasil é muito grande: isto pode ser apenas um presentimento — e não ainda um fato — mas é um presentimento que se enraíza radicalmente em todos aqueles que procuram abordar nossa realidade com honestidade e rigor.

Neste número, João Carlos Nogueira apresenta uma interpretação psicanalítica do fenômeno religioso da perspectiva freudiana. Freud aciona uma cerrada hermenêutica para explicar este fenômeno como uma simples expressão cultural. A religião é transformada em mera ilusão, oriunda de desejos infantis.

A orientação que tem tomado os estudos educacionais no Brasil, unilateralmente voltados para a pesquisa de caráter empírico, leva Pedro Goergen, da Faculdade de Educação da UNICAMP, a colocar a atividade teórica — e conseqüentemente a teoria da educação — como o horizonte de significação de todo o esforço de natureza científica.

Constança Marcondes Cesar traz-nos detida confrontação entre as posições epistemológicas de Popper e Kuhn, explicitando o diálogo mantido pelos dois célebres filósofos da ciência, bem como as convergências e divergências de seus pensamentos.

O papel e o lugar da filosofia nos cursos jurídicos, na comemoração de seu sesquicentenário, é a temática abordada por Álvaro César Iglésias que, de um diagnóstico severo da situação de deficiência da filosofia jurídica brasileira, faz sugestões e propostas para uma reavaliação e reativação do ensino filosófico nos cursos jurídicos brasileiros.

A questão radical do sentido da autonomia da cultura brasileira é abordada por João Francisco Régis de Moraes que vê a europeização desta cultura ser substituída pelo europeísmo, de efeito ambivalente sobre a expressão da cultura nacional. A análise ressalta a convicção de que é chegada a hora de uma expressão mais efetiva da cultura brasileira e da afirmação de sua independência sem nacionalismos ressentidos e atitudes xenófobas.

Júlio Mariano Júnior propõe uma tarefa de leitura de Althusser, expondo seus pressupostos teóricos para fundamentar a exegese de seus textos. Clarifica assim muitos conceitos da complexa filosofia althusseriana, toda ela tecida nos limites comuns dos horizontes da epistemologia dialética e da epistemologia estruturalista.